

Ioga e espiritualidades sul-asiáticas: reflexões sobre história(s) e percepções da presença sique na América Latina

Mirian Santos Ribeiro de Oliveira 

Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Brasil
mirian.pesquisa@gmail.com

Introdução

Entre os anos de 2005 e 2006, um viajante sique¹ percorreu oito países da América Latina, em busca de correligionários (indianos ou latino-americanos). Os resultados das observações e investigações de Swarn Singh Kahlon a respeito da presença sique na América Latina foram compilados em uma narrativa de viagem intitulada *Sikhs in Latin America: Travels Among the Sikh Diaspora*, publicada em 2012.

1. Uma vez que tratamos, neste artigo, de temáticas que preservam muitos termos em língua estrangeira (em panjabi e inglês, principalmente), gostaríamos de esclarecer nossas escolhas em relação à grafia das palavras. Sempre que disponíveis, grafias dicionarizadas em português foram empregadas (como nas palavras ioga e sique, por exemplo). Foram mantidas as grafias originais (e de acordo com padrões internacionais de transliteração, no caso do panjabi) nos nomes de instituições, livros e práticas corporais e/ou religiosas.

Dois elementos justificaram a escolha da obra e a elaboração da análise apresentada ao longo deste artigo: sua perspectiva descentrada, no que se refere ao campo da literatura de viagens; a abordagem de temas pouco conhecidos e estudados na Índia e na América Latina, como a presença da religião sique em nosso subcontinente e a difusão de valores e práticas siques entre latino-americanos. De forma bastante interessante, ao dedicar-se ao tema da diáspora sique, a viagem realizada por Kahlon permitiu-nos vislumbrar processos históricos e sociais a vincular regiões do Sul Global (América Latina e Sul da Ásia), por meio de migrações e da circulação de valores e práticas religiosas de origem sul-asiática no espaço considerado.

Ressaltamos que as concepções de diáspora e de identidade siques adotadas pelo narrador da viagem aqui analisada são abrangentes. Isso quer dizer que ele registrou e comentou experiências de vida de imigrantes indianos adeptos da religião sique, por um lado, e de latino-americanos que se converteram ao siquismo, por outro. Este artigo se concentra na análise das percepções de Kahlon sobre as experiências de adoção e preservação da identidade religiosa por novos adeptos da religião em questão – ou seja, por siques latino-americanos. Desta forma, o texto se inicia pela consideração das particularidades da narrativa de viagem analisada para, em seguida, discutir os temas da identidade religiosa e da (re)definição de fronteiras da comunidade sique em contextos diaspóricos.

É importante destacar, ainda, que a difusão de práticas e valores siques, bem como a formação das primeiras comunidades de convertidos, na América Latina, foram impulsionadas por um Novo Movimento Religioso (NMR), liderado por um imigrante sique, a partir dos Estados Unidos. O *Sikh Dharma of the Western Hemisphere* construiu-se em diálogo com a 3HO (*Happy, Holy, Healthy Organization*), insti-

tuição tutora de uma modalidade de ioga específica, o *Kundalini Yoga as Taught by Yogi Bhajan*. Um fator adicional de justificativa para a apresentação dos nossos resultados de pesquisa, no presente artigo, é, portanto, a existência de poucos estudos sobre a introdução e a difusão de espiritualidades de orientação sique na América Latina. Entre os trabalhos que abordam, de forma parcial, o tema da prática religiosa sique, entre imigrantes indianos, na Argentina, encontram-se os de Lía Rodríguez de la Vega (ver, por exemplo, VEGA, 2010). Considerando os estudos acadêmicos que se referem ao *Kundalini Yoga como Ensinado por Yogi Bhajan*, em países latino-americanos, encontramos Siegel e Barros (2009, p. 98) e Siegel (2010, p. 7, 42, 47, 132, 149 e 181). Guerriero (2015, p. 3) aborda a presença da 3HO em território brasileiro. Os dois primeiros trabalhos mencionados, realizados na área da saúde, não se aprofundam nos temas da história da 3HO e do *Sikh Dharma of the Western Hemisphere* na América Latina e tampouco analisam as especificidades destas modalidades de prática corporal e de vivência de aspectos da religião sique entre habitantes da região considerada. O último artigo, na área de ciências da religião, descreveu a 3HO como representante de correntes do hinduísmo no Brasil. Trata-se de uma interpretação que merece ser problematizada, uma vez que, como demonstraremos ao longo deste trabalho, esta organização adere explicitamente a valores de uma religião sul-asiática específica: o siquismo.

Neste artigo, o panorama histórico do estabelecimento das instituições ligadas a este NMR, o *Sikh Dharma of the Western Hemisphere*, em países latino-americanos, foi construído a partir do relato de viagem de Kahlon e de fontes primárias produzidas pelas próprias instituições e pela imprensa indiana. Este panorama histórico, apresentado na penúltima seção do artigo, não se pretende definitivo ou exaustivo,

principalmente devido à abrangência do espaço geográfico percorrido pelo escritor-viajante e do período a que remetem os depoimentos registrados por ele (1970 – 2006). Ademais, orienta-se pela percepção do escritor-viajante de que os siques latino-americanos são membros plenos da comunidade sique – não são descritos, portanto, como pertencentes a um NMR.² Por fim, a última seção deste artigo se ocupa do tema da identidade e da experiência religiosas de dois jovens siques latino-americanos, entrevistados pelo viajante indiano.

Um viajante sique em terras latino-americanas

Os percursos do escritor-viajante foram traçados com o objetivo de buscar informações sobre a história da formação de pequenas comunidades de imigrantes siques na América Latina, bem como sobre suas condições de vida em meados da primeira década do século XXI. Os siques convertidos passaram a figurar em seus planos de visitas e entrevistas de forma complementar ao interesse pelos siques étnicos. É interessante observar, no entanto, que, nas duas etapas da viagem, os encontros com siques convertidos receberam destaque em sua narrativa: em 2005, na Bolívia e no Brasil; em 2006, no México. Antes de abordar o lugar dos convertidos na obra de Kahlon, bem como suas percepções sobre a adoção da religião sique por latino-americanos, dedicaremos alguns parágrafos à caracterização da obra e à problematização de alguns de seus aspectos relevantes para nossa análise.

É importante destacar a especificidade do livro de viagens considerado. Em primeiro lugar, consideramos o *lugar de enunciação*. O autor da obra, Swarn Singh Kahlon, nasceu na Índia britânica, no final da década de 1930. Pertence a uma família sique panjabi radicada

2. Para uma discussão sistemática do estudo do *Sikh Dharma of the Western Hemisphere* como Novo Movimento Religioso, cf. JAKOBESH (2008).

no Estado do Rajastão e que se estabeleceu no Panjab indiano após a independência e criação dos Estados de Índia e Paquistão, em 1947. Engenheiro formado na Índia (1958) e pós-graduado nos EUA (1960), onde viveu por três anos, Kahlon viajou pelo mundo a trabalho (a serviço da filial indiana de uma multinacional britânica) e por lazer. As conexões internacionais de sua família, bem como o contato com imigrantes síques nos lugares que visitava, principalmente na Europa e nos EUA, teriam feito com que o interesse e a curiosidade sobre as histórias de vida desses migrantes aumentassem. “Tornou-se uma espécie de *hobby* – caro, mas muito recompensador e apaixonante. Agora viajo com frequência para estudar a diáspora síque” (KAHLON, 2012, p. 13, tradução minha). Trata-se, portanto, de um pesquisador independente, que financiou as próprias viagens, e, a partir do Panjab, na Índia, comentou os processos migratórios de seu interesse, observados em diferentes países latino-americanos. Em segundo lugar, destacamos *o tema da obra*. Os estudos de Kahlon se concentram em pequenas comunidades diaspóricas síques. Estima-se que entre 1,5 e 2 milhões de síques vivam no exterior. Os síques residentes na América Latina totalizariam 10.000 membros desta comunidade diaspórica (TATLA, 2014, p. 499-500). A originalidade da narrativa de viagem, tal como reivindicada por seu autor, remeteria a uma lacuna nos estudos sobre a “diáspora síque”: a investigação ou exploração de uma parcela desta diáspora que é pouco conhecida, seja na Índia, em países ocidentais com populações significativas de imigrantes indianos ou na própria América Latina (KAHLON, 2012, p. 7-8). Dando continuidade à divulgação dos resultados de suas pesquisas sobre pequenas comunidades diaspóricas síques, o escritor publicou, recentemente, uma narrativa de viagem sobre síques no Sudeste e no Leste asiáticos (cf. KAHLON, 2017). Em terceiro lugar, atentamos para *a esco-*

Iha das rotas de viagem, estreitamente relacionada aos dois aspectos comentados anteriormente. As dinâmicas migratórias de indianos ou pessoas de origem indiana à região considerada não seguiram trajetos ou percursos (re)criados por processos de dominação colonial ou imperial britânica anteriores. A escolha das rotas percorridas, pelo autor, durante a realização da pesquisa *in loco* foi orientada, neste sentido, pela indicação da presença de imigrantes siques em um país ou região das Américas por fontes como o *Report of the High Level Committee on the Indian Diaspora* (2002), documentos preservados em arquivos públicos ou familiares, notícias impressas de meios de comunicação indianos e latino-americanos e relatos de viajantes ou imigrantes siques. Tais rotas levaram Kahlon a países de língua espanhola, em sua maioria – com as exceções de Brasil, de língua portuguesa, e Belize, de língua inglesa.

Em quarto lugar, ressaltamos *o estilo da escrita de viagem* em questão. Marcado pela hibridez, combina elementos de uma narrativa pessoal de viagem com características de um estudo científico sobre a diáspora sique, composto por revisão de literatura no campo dos estudos sobre a(s) diáspora(s) indiana(s) e pela compilação de fontes primárias (entrevistas, relatos, cartas, documentos governamentais, reportagens publicadas na Índia e na América Latina, entre outros). A preocupação com a observação de métodos científicos para a coleta e a análise das informações obtidas, bem como no que se refere à divulgação de seus resultados de investigação, pode ser observada na própria narrativa de viagem, em publicações parciais da pesquisa na internet³, e em capítulo de livro (cf. KAHLON, 2015), na apresentação de comunicações relacionadas aos siques na América Latina em conferências na Ásia, na América do Norte e na Europa (KAHLON,

3. *Sikh Global Village* (www.sikhglobalvillage.com)

2012, p. 9). Por fim, refletimos sobre o *público-alvo* da obra. Não se trata de uma narrativa de suas impressões ou conhecimentos adquiridos sobre a América Latina durante a viagem, mas de um livro que se dedica, de modo mais preciso, a relatar e a examinar o encontro com conterrâneos (em se tratando de imigrantes siques) ou correligionários (no caso dos habitantes locais que se converteram à religião sique). Neste sentido, os leitores em potencial do livro escrito em inglês seriam: estudiosos dos temas ligados às diásporas (e, de modo particular, à diáspora sique); siques residentes na Índia ou membros de comunidades diaspóricas siques ao redor do mundo, interessados em questões relacionadas à difusão, preservação e/ou transformação da religião; viajantes indianos, os quais recebem breves orientações do autor sobre o percurso e a estadia na região (Idem, p. 81-6). Uma rápida exploração de temas relacionados à *recepção da narrativa de viagem* permitiu-nos observar a apropriação de trechos da obra por *websites* dedicados à difusão de valores e identidades siques, em língua inglesa (a exemplo das estadunidenses *Sikhnet* e *Sikhi Wiki*) ou espanhola (como a *Misión Sikh Hispanoamericana*, fundada no Uruguai por um sique indiano). A tradução de passagens do livro ao espanhol aponta para a existência de um público em potencial da obra, especialmente entre siques latino-americanos – étnicos ou convertidos. Os diálogos deste público em potencial com o livro de viagem em questão, bem como a elaboração de narrativas próprias sobre o assunto, fogem aos objetivos e possibilidades deste artigo. Constituem, no entanto, temas para pesquisas posteriores, em fase de elaboração.

Quem é sique?⁴

Meu estudo se refere a *Singhs* em geral, em vez de se restringir a siques. Não importa o modo como se queira definir um sique, há problemas sérios relacionados ao modo de se definir um. Adotei uma perspectiva abrangente, inclusiva. (KAHLON, 2012, p. 18, tradução minha)

Para os propósitos de meu estudo, qualquer pessoa que se declare sique, mesmo que viva longe, é de interesse. A história dos *Singh* me fascina especialmente quando eles se encontram em pequenas quantidades, distantes de seus lugares de origem. (Idem, p. 295, tradução minha)

O tema da criação de uma comunidade religiosa distinta e coesa tem sido central na história da religião sique, desde sua fundação pelo primeiro Guru, entre os séculos XV e XVI, no Panjab, território atualmente dividido entre os estados da Índia e do Paquistão. Guru Nanak (1469-1539), a partir de uma experiência mística, lançou as bases para a fundação de uma religião monoteísta, em que o Guru “representaria a presença divina, compreendida mística e interiormente, guiando o verdadeiro devoto pelo caminho que levaria a *mukti* [liberação]” (FENECH e McLEOD, 2014, p. 137, tradução minha). O seguidor da mensagem do Guru (preceptor) seria conhecido como sique (*sikh*: aprendiz, discípulo).

Ao longo dos séculos iniciais de formação e institucionalização da religião (1469-1708), coincidentes com o período de vida dos dez Gurus,⁵ os seguidores do siquismo demarcaram fronteiras entre sua própria comunidade e grupos hindus (em suas tradições bramânicas

4. Este é o título de um dos trabalhos pioneiros e mais conhecidos sobre o tema da identidade sique, em perspectiva histórica: *Who is a Sikh?*, de W. H. McLeod, publicado em 1989 (cf. McLEOD, 1989; SINGH, 2005).

5. Na história da religião sique, reconhece-se a existência de dez Gurus humanos: Nanak Dev (1469-1539); Angad Dev (1504-1552); Amar Das (1479-1574); Ram

e ascéticas) e muçulmanos, principalmente. As três instituições que orientariam a conduta dos siques foram estabelecidas por Guru Nanak em vida:

sangat (sociedade sagrada), na qual todos pertenceriam a uma grande fraternidade espiritual; *dharamsālā*, a forma original do recinto de adoração sique; e *langar*: a refeição comunitária, preparada como um serviço comunitário pelos membros da *sangat*, que é servida a todos que frequentem o recinto de adoração sique (*gurdwāra*) e que requer que pessoas de todas as castas e condições sentem-se lado a lado, em fileiras sem demarcação de status – mulher ao lado de homem, alta posição social ao lado de baixa posição social, ritualmente puro ao lado de ritualmente impuro –, e compartilhem a mesma comida. (...) A instituição de *langar* promoveu a igualdade, o serviço comunitário, a unidade e o sentimento de pertença, ao mesmo tempo em que eliminava um aspecto central do sistema de castas [qual seja, regras estritas para a comensalidade]. Por fim, Guru Nanak criou a instituição do Guru, que se tornou a autoridade central da vida comunitária. (SINGH, 2014, p. 22, tradução minha).

Processos adicionais de institucionalização da religião ocorreram no século XVII. A compilação dos ensinamentos siques em um livro sagrado, o *Adi Granth*, foi realizada pelo quinto Guru, Arjan Dev (1563-1606), em 1604. O século em questão foi marcado pelo recrudescimento dos conflitos entre os governos muçulmanos das dinastias mogóis e as populações locais do Norte do subcontinente indiano. Em se tratando da comunidade religiosa sique, tais conflitos culminaram nos martírios de Guru Arjan Dev, em 1606, e de Tegh Bahadur (1621-75), o nono Guru, em 1675. Nos estudos históricos, bem como na tradição sique, habitualmente se interpreta a intolerância religiosa so-

Das (1534-1581); Arjan Dev (1563-1606); Hargobind (1595-1644); Har Rai (1630-1661); Harkrishan (1656-1664); Teg Bahadar (1621-1675); Gobind Singh (1666-1708). O último e décimo primeiro Guru, tal como o declarou seu antecessor, Guru Gobind Singh, é o livro sagrado: *Guru Granth Sahib* (FENECH e McLEOD, 2014, p. 137-8).

frida pelos Gurus e seus discípulos como uma força unificadora da comunidade sique, por um lado, e demarcadora da diferença em relação às comunidades muçulmanas, por outro lado.

Neste sentido, o décimo Guru, Gobind Singh (1666-1708), é lembrado como o responsável pelo aprofundamento desses processos. Em 1699, ele fundou a instituição do *Khalsa* (Puro), a ordem de siques leais a sua comunidade e unidos por uma identidade e uma disciplina comuns, assim como introduziu uma cerimônia de iniciação a esta ordem. Uma vez iniciados, os siques receberiam, a partir de então, novos sobrenomes, que simbolizariam a adoção de uma nova identidade: *Singh* (leão), para os homens, e *Kaur* (princesa), para as mulheres. Ademais, estariam vinculados a um código de conduta (*rahit*) apresentado pelo Guru na primeira cerimônia de iniciação realizada e formalizado ao longo dos séculos XIX e XX (Idem, 2014, p. 22-4). Entre os elementos definidos pelo código de conduta está a identidade visual sique, os cinco símbolos exteriores que todo sique iniciado deve portar: cabelos longos (referência a todos os pelos do corpo, que jamais deveriam ser cortados), um pente (que prepara e prende o cabelo para se amarrar o turbante), um bracelete de metal, uma espada e, por último, shorts (utilizados como roupa íntima e que devem chegar até a altura dos joelhos) (FENECH e McLEOD, 2014, p. 115).⁶ Deve-se destacar que a iniciação na ordem do *Khalsa* não é considerada obrigatória entre os siques.⁷ Dessa forma, parcelas significativas dos seguidores não iniciados da religião adotam a identidade visual prescrita pelo código de conduta, assim como utilizam os sobrenomes Singh e

6. Os símbolos externos da identidade sique são também conhecidos como os 5 K, porque esta é a inicial de seus nomes em panjabi: *kes* ou *kes*h (cabelos longos); *kanghā* (pente); *kaṁā* (bracelete metálico); *kirpān* (espada); *kachh* ou *kachhahirā* (shorts).

7. Segundo estimativas, entre 10 e 20% dos indivíduos que se identificam como siques passam pelo ritual de iniciação, na Índia ou no exterior (SINGH, 2005, p. 103).

Kaur. A recomendação do uso do turbante não se aplica às mulheres, de modo geral. É importante mencionar, por fim, que Guru Gobind Singh encerrou a linhagem de Gurus humanos, declarando o livro sagrado seu sucessor. O Décimo Primeiro Guru seria conhecido, desde então, como o *Guru Granth Sahib* (literalmente, o livro que é o Guru) (SINGH, 2014, p. 24).

Como se pode observar, a história e a vivência da religião sique estão fortemente ligadas ao Panjab e a seu povo. Em decorrência disso, foi habitualmente percebida como uma religião étnica. No entanto, processos de migração internos e internacionais acrescentariam desafios à adoção e à preservação de valores e símbolos identitários siques por descendentes de panjabis, na Índia e no exterior. Por exemplo, a manutenção da identidade visual por homens siques no estrangeiro é controversa e, no caso da América Latina, rara, como observou Swarn Singh Kahlon em suas viagens pela região. Encontros com siques de origem panjabi, radicados ou nascidos na América Latina, ocupam numerosas páginas do livro do escritor-viajante, mas não serão abordados neste artigo.

Outras histórias de vida capturaram a atenção do autor durante suas viagens pela região: as histórias de homens e mulheres, nascidos no continente americano, que se tornaram siques por intermédio de uma organização criada por um imigrante panjabi nos Estados Unidos, no final da década de 1960, a 3HO (*Happy, Holy, Healthy Organization*). Neste ponto, é importante destacar que a conversão é uma prática aceitável entre os siques, embora não se trate de uma religião proselitista. A difusão da religião no exterior deveu-se, principalmente, à emigração de panjabis. Casos isolados de conversão à religião, na Índia e no exterior, estiveram relacionados a matrimônios inter-religiosos, até a década de 1970. Desde então, jovens estaduni-

denses e europeus vinculados à 3HO têm reivindicado o direito de serem reconhecidos como membros da comunidade sique. Desafiam, dessa forma, a concepção de que o siquismo seria uma religião étnica panjabi (DUSENBERY, 2014, p. 570).

Entre os latino-americanos, a aproximação com a religião sique por meio da organização mencionada se iniciou em meados da década de 1970. Neste sentido, seria possível falar na existência de siques latino-americanos – ou seja, indivíduos nascidos na região, sem ligações étnicas com o Panjab, e que se tornaram siques. Em se tratando da narrativa de viagem que constituiu o ponto de partida de nossa análise, ressaltamos que a concepção ampla de identidade religiosa adotada por Kahlon abrange habitantes locais que se identificam como siques. Sua percepção sobre a diáspora sique é, também, abrangente, uma vez que incorpora em sua narrativa relatos de dois jovens siques latino-americanos, vinculados à 3HO. Destacamos que esta perspectiva está afinada com tendências recentes nos estudos sobre diáspora sique, que contemplam análises sobre a presença da 3HO nos EUA e na Europa (como, por exemplo, MYRVOLD, 2014, p. 515; TATLA, 2014, p. 502).

Siques convertidos nos EUA e na Europa

Deveria esclarecer igualmente minhas impressões sobre o legado de Yogi Harbhajan Singh no exterior. Há controvérsias a seu respeito na comunidade [sique]. (...) Estou convencido de que Yogi injetou ânimo no siquismo por meio dos convertidos. Durante minhas viagens, tive a oportunidade de entrevistar vários seguidores de Yogi no Brasil, na Bolívia e no México. Há muito a admirar neles, embora haja alguns pontos criticáveis, também. O *Guru Granth Sahib* está disponível em língua espanhola e a 3HO deve ser agradecida por isso. Os siques não deveriam se alegrar com o crescimento da

comunidade? (KAHLON, 2012, p. 306, tradução minha).

Uma vez que os siques latino-americanos entrevistados por Kahlon conheceram a religião por intermédio da 3HO, faz-se necessário analisar, ainda que brevemente, o processo de criação da organização e de construção de uma identidade sique que ultrapassa as fronteiras da comunidade étnica panjabi. Devem-se considerar, também, as controvérsias relacionadas à conversão de ocidentais ao siquismo e à própria expressão da religião (re)construída pelo líder da 3HO.

A história da organização remete à imigração de um panjabi sique, Harbhajan Singh Puri (1929-2004), aos Estados Unidos, em 1968. Funcionário aduaneiro em Délhi, Yogi Bhajan, como se tornaria conhecido entre seus seguidores, dedicou-se ao ensino de *Kundalini Yoga* no estado da Califórnia. Em 1969,⁸ fundou a *Happy, Holy, Healthy Organization* (3HO – Organização Feliz, Sagrada e Saudável),⁹ instituição educacional responsável pela sistematização e divulgação da prática corporal em questão. Este estilo de ioga, posteriormente registrado como *Kundalini Yoga as Taught by Yogi Bhajan*, baseava-se em rigorosa disciplina e estilo de vida saudável, que incluía abstinência de álcool e entorpecentes, bem como vegetarianismo estrito. A centralidade da noção de *Kundalini*¹⁰ na modalidade em questão estaria associada ao que Yogi Bhajan chamou de “tantra ioga branco”,

8. Segundo a própria organização, a data precisa de sua fundação é 05 janeiro de 2019. É interessante registrar que, em novembro de 2018, a 3HO inaugurou um website (www.3ho50.org) e lançou uma campanha para celebrar seus 50 anos de atividades. A chamada pretendia recolher e divulgar histórias de praticantes de *Kundalini Yoga* de todo o mundo (Informação pessoal: 3HO Foundation International. *Share your story – 3HO celebrates 50 years*. Mensagem recebida em 20 nov. 2018).

9. Em espanhol, utiliza-se, por vezes, a denominação 3SO (*Organización Sana, Sonriente y Sagrada*).

10. O termo *kundalini* é, em geral, associado a práticas ascéticas de origem sul-asiática e, de modo mais específico, ao *hatha yoga* e aos iogues *Nath*. Concebida por tais iogues como uma fonte de energia latente, cujo símbolo seria uma serpente enrolada, situada na base da coluna vertebral, a *kundalini* poderia ser despertada

práticas que possibilitariam equilibrar as energias masculina e feminina dos alunos, em sua maioria jovens estadunidenses e canadenses brancos, de classe média, e ligados aos movimentos de contracultura do período. Nesta fase inicial, a pertença religiosa de Yogi Bhajan não influenciava o ensino deste estilo de ioga. Os praticantes não foram expostos a valores e símbolos religiosos siques então (JAKOBESH, 2008, p. 3; DUSENBERY, 2014, p. 561).

A aproximação entre *Kundalini Yoga* e elementos específicos da religião sique ocorreu de forma gradual ao longo da década de 1970. O marco inicial desta transformação teria sido uma viagem ao Norte da Índia, em 1971, em que o professor de ioga e cerca de 84 alunos visitaram lugares historicamente importantes para os siques, como o Templo Dourado, em Amritsar.¹¹ De volta aos EUA, os estudantes de *Kundalini Yoga* vivenciaram dois processos paralelos, ambos analisados por Jakobsh (2008, p. 3-4), Dusenbery (2014, p. 560-2) e Deslippe (2012, p. 375-380). O primeiro deles foi a introdução progressiva de práticas e princípios siques nas aulas de ioga, o que favoreceu a associação do estilo de vida da 3HO com o modo de vida ortodoxo sique e, por conseguinte, a autoidentificação de vários praticantes como siques, nesse período. O segundo processo foi a institucionalização da criação de uma comunidade sique nos EUA, composta majoritaria-

pela prática ióguica e abrir caminho à liberação individual (MUÑOZ, 2011, p. 111). Referências aos iogues Nath aparecem nos versos produzidos pelos primeiros Gurus siques, negando ou criticando suas práticas ascéticas (FENECH e McLEOD, 2014, p. 149).

11. Conhecido como Templo Dourado pelos falantes de língua inglesa, o *gurdwara Harimandir Sahib* “está situado em Amritsar e é considerado o lugar mais sagrado no interior da mais sagrada cidade. Guru Ram Das (1534–1581), que fundou Amritsar, escavou o lago que circunda o templo. (...) A construção do *gurdwara* foi finalizada por Guru Arjan (1563–1606), que ali instalou o *Adi Granth* [livro sagrado sique], então recém-concluído” (FENECH e McLEOD, 2014, p. 146-7, tradução minha). O revestimento dourado, que rendeu o epíteto ao templo, foi patrocinado pelo soberano sique Ranjit Singh (1780–1839).

mente por habitantes locais sem vínculos étnicos com o Panjab. Ainda em 1971, Yogi Bhajan anunciou seu mandato como propagador do siquismo no Ocidente, assim como seu novo título “*Siri Singh Sahib*” – denominação que, traduzida ao inglês pelo próprio líder, significaria “*Chief Administrative and Religious Authority for Sikh Dharma in the Western Hemisphere*” (Chefe Administrativo e Autoridade Religiosa do Dharma Sique no Hemisfério Ocidental, tradução minha). Em 1973, fundou a *Sikh Dharma Brotherhood*, mais tarde renomeada *Sikh Dharma of the Western Hemisphere* (Fraternidade do Sique Dharma e Dharma Sique do Hemisfério Ocidental, respectivamente, tradução minha). A criação da instituição foi acompanhada pela iniciação ou batismo de vários praticantes de *Kundalini Yoga*, marcando sua conversão formal ao siquismo. Em 1974, o líder sique criou o *Khalsa Council* (Conselho do *Khalsa*, tradução minha), que, nos anos 2000, seria transformado em um corpo de ministros responsáveis pela celebração de ritos ligados ao ciclo de vida dos seguidores de Yogi Bhajan (nascimento, iniciação, casamento, morte).

É importante destacar que 3HO e *Sikh Dharma of the Western Hemisphere* são instituições distintas (JAKOBESH, 2008, p. 4). A primeira não se identifica como uma organização sique. Dedicase ao ensino de *Kundalini Yoga* e, embora professores e alunos estudem conteúdos relacionados ao siquismo e adotem símbolos da identidade visual sique durante as práticas (como o uso de turbantes, por homens e mulheres),¹² não se consideram, necessariamente, siques. A segunda instituição associa-se diretamente à religião sique, construindo adaptações, novas interpretações e acréscimos às tradições religiosas siques conhecidas e vividas no Norte da Índia. A primeira geração de

12. Nas aulas de *Kundalini Yoga*, o uso de turbante, de estilo sique, é obrigatório para professores homens e mulheres. É recomendado aos alunos, mas considerado um elemento opcional da vestimenta para a prática.

convertidos foi formada, principalmente, por alunos da 3HO que iniciaram sua aproximação da religião por meio da prática de ioga. O fortalecimento da comunidade criada por Yogi Bhajan nos Estados Unidos propiciou que, pelo menos, duas gerações seguintes fossem educadas como siques que incorporam elementos de *Kundalini Yoga* a sua disciplina espiritual. Apesar de distintas, as duas organizações permanecem relacionadas e, por isso, aparecem frequentemente associadas, em trabalhos acadêmicos e não acadêmicos.

A formação desta nova comunidade religiosa instigou debates sobre a pertença à religião sique, com posições diversas entre siques étnicos, na Índia e no exterior. Destacam-se aqui as visões de comunidades siques étnicas na América do Norte (Estados Unidos e Canadá), espaço de interação inicial entre siques étnicos e convertidos. Uma delas considerou os siques norte-americanos como um grupo sectário, os “siques 3HO/*Sikh Dharma*” ou “siques de Yogi Bhajan” – ou, de modo mais genérico, *Gora Sikhs* (siques brancos) –, que deveria ser posicionado às margens ou fora da comunidade sique. Entre as razões da construção desta percepção estiveram peculiaridades como: i) reverência ao seu líder, que deveria ser dedicada apenas aos dez Gurus humanos e ao livro sagrado, o *Guru Granth Sahib*; ii) vinculação entre ioga e siquismo, que deveria ser criticada ou revista uma vez que os ensinamentos dos primeiros Gurus buscaram distanciar os seguidores de suas mensagens dos ascetas hindus, os praticantes de ioga de então; iii) uso de turbantes por homens e mulheres, embora o código de conduta sique prescreva o turbante como parte da identidade visual masculina dos siques; iv) iniciação ritual, ou batismo, para todos os convertidos, a qual não é considerada obrigatória para os siques étnicos; v) adoção do sobrenome Khalsa para indicar a iniciação ritual, prática inexistente entre siques panjabis; vi) vegetaria-

nismo estrito exigido de todo aquele que se considere sique, embora esta regra seja aplicável somente aos siques étnicos iniciados ou batizados; vii) constituição de Ministérios para dispensar sacramentos (ou *samskars*), considerada uma inovação dos siques estadunidenses (JAKOBESH, 2008, p. 3; DUSENBERY, 2014, p. 562 e 564).

A segunda posição reconheceu a disciplina e a devoção dos convertidos e os considerou bons siques. Poderiam ser incluídos na comunidade sique, mas como membros de uma casta¹³ ou grupo endogâmico distinto (DUSENBERY, 2014, p. 564). Deve-se ressaltar que a concepção de identidade sique adotada pelo escritor-viajante S. S. Kahlon, apresentada anteriormente e reafirmada na citação que abre esta seção, aproxima-se desta segunda percepção sobre os seguidores de Yogi Bhajan. Ou seja, trata-se de uma concepção inclusiva, que aceita como membros da comunidade sique todos aqueles que assim se considerarem e respeitarem os princípios da religião. Ademais, as observações do escritor-viajante se referem ao contexto latino-americano, marcado pela ausência de comunidades siques étnicas consolidadas. Os grupos ou indivíduos siques de origem panjabi que encontrou durante suas viagens se encontravam dispersos e pouco organizados. Por um lado, isso favoreceu o desconhecimento do siquismo pelas populações locais. Por outro lado, significou dificuldades de preservação e difusão da religião por siques étnicos, nos países visitados por Kahlon. Não seria possível falar, dessa forma, em guardiões ou porta-vozes

13. “Os siques rejeitam explicitamente as castas em termos de status ou privilégio. Nanak as denunciou, os Gurus seguintes reforçaram sua mensagem e a observância ritual confirma seus ensinamentos. (...) No entanto, as castas são mantidas dentro do *Panth* [comunidade sique] como uma ordem social. Os Gurus, que eram todos pertencentes à casta *Khatri*, casaram seus filhos dentro da mesma casta. Esta convenção permaneceu praticamente intacta e, em decorrência disso, a maioria dos siques indianos pertence a uma casta específica (Hindi: *jāti*; Panjabi: *zāt*)” (FENECH e McLEOD, 2014, p. 77-8, tradução minha).

da tradição sique na América Latina. Para o escritor-viajante, os convertidos, por meio de sua disciplina e devoção, seriam os responsáveis, nesta região do mundo, por manter viva a mensagem dos Gurus siques. Seus esforços deveriam ser reconhecidos e elogiados (KAHLON, 2012, p. 291).

Siques convertidos na América Latina

Surge nova esperança com os seguidores de Yogi Harbhajan, que estão estabelecendo centros de ioga, seguidos de *gurdwaras* [templos siques], em vários países sul-americanos. Estes siques estão seguindo o Dharma Sique de modo exemplar. Precisam de apoio. (KAHLON, 2012, p. 174, tradução minha)

Outra ocorrência importante foi a conversão de cerca de dois mil mexicanos ao siquismo por meio dos esforços da 3HO do falecido Yogi Harbhajan Singh. Estes siques de sobrenome Khalsa são, de fato, siques devotos e foram os primeiros a construir um *gurdwara* na Cidade do México. (Idem, p. 209, tradução minha)

Há alguns seguidores de Yogi Ji no Brasil que mantêm o uso do turbante. Um amigo de Londres tem uma linda recordação a respeito de um pequeno grupo desses siques de turbantes brancos e barbas esvoaçantes cantando o *Japji*¹⁴ ao violão numa praia brasileira. Bravo! (Idem, p. 176, tradução minha)

A adoção de uma concepção abrangente de identidade sique permitiu a Swarn Singh Kahlon aproximar-se de siques convertidos nas Américas durante suas viagens e, desta forma, abordar um tema pouco explorado na literatura acadêmica – de então e de agora. De fato, não há estudos sistemáticos sobre a história da 3HO e do *Sikh Dharma of the Western Hemisphere* na América Latina, conforme discutido

14. *Japji*, cujo significado é “Repita [o Nome de Deus]”, também conhecido como *Japji Sāhib*, é a composição de Guru Nanak que abre o *Adi Granth*, o livro sagrado sique. É parte das orações matinais siques (FENECH e McLEOD, 2014, p. 165).

na introdução a este artigo. Propomos, aqui, uma narrativa inicial – que não se pretende definitiva ou exaustiva – sobre a chegada do *Kundalini Yoga* à região, bem como sobre a experiência de adesão a uma nova religião. Para tanto, o livro *Sikhs in Latin America* foi analisado como fonte primária, com foco especial nas entrevistas realizadas pelo escritor-viajante com habitantes locais que se tornaram siques, na Bolívia, no Brasil e no México. É importante mencionar que os nomes dos entrevistados, reproduzidos neste artigo, são aqueles adotados após o comprometimento com a prática de *Kundalini Yoga*. Professores e alunos desta modalidade de ioga podem receber nomes panjabis das organizações criadas por Yogi Bhajan, ainda que não se iniciem formalmente na religião sique. Ademais, as fontes primárias consultadas para a realização da análise apresentada a seguir, além das entrevistas feitas pelo escritor-viajante incluíram: documentos produzidos pelas próprias organizações em questão e pelos professores de ioga em contextos de divulgação da prática; reportagens publicadas pela imprensa indiana, cujo interesse pelo tema da conversão ao siquismo é revelador da pluralidade de visões sobre a expansão das fronteiras da comunidade sique.

Dois dos praticantes de ioga entrevistados por Kahlon não eram latino-americanos. No entanto, radicaram-se no México e no Brasil e foram pioneiros na difusão e institucionalização dos ensinamentos de Yogi Bhajan nesses países. O primeiro deles é Arjan Singh Khalsa, um sique indiano do Panjab, que fixou residência no México, em 1976. Conviveu com o fundador do primeiro centro de *Kundalini Yoga* do país, Babaji Singh (mexicano, convertido ao siquismo nos Estados Unidos, pelo fundador do movimento), realizador da primeira tradução do livro sagrado, o *Guru Grant Sahib*, ao espanhol.¹⁵ Tornou-se

15. A tradução realizada pelo discípulo direto de Yogi Bhajan teria sido iniciada

membro da 3HO no México e se converteu ao siquismo, tal como vivido e entendido pelos membros do *Sikh Dharma of the Western Hemisphere*, logo em seguida. Em 1978, casou-se com uma sique mexicana, Arjan Kaur. Em seu relato, Arjan Singh destacou a proximidade de Yogi Bhajan com os diretores do centro de ioga da Cidade do México e suas visitas semestrais ao local. O entrevistado mencionou, por fim, os processos de expansão da prática de *Kundalini Yoga* e de conversões ao siquismo no México – sem detalhar, contudo, as dinâmicas que teriam propiciado tal expansão. No final da década de 1970, haveria 10 pessoas inteiramente dedicadas ao modo de vida sique residentes no *Yoga Ashram* e cerca de 400 seguidores de Yogi Bhajan, que teriam sido atraídos ao centro de ioga quando das visitas do líder do movimento. Em 2006, ano da entrevista, estimava a existência de 20 siques residentes no *Sikh Centre* (escola de ioga e templo sique fundado em 2000, mantido por Arjan Singh), 500 professores e 5.000 alunos de *Kundalini Yoga*, dentre os quais aproximadamente 3.000 aprenderiam sistematicamente sobre valores e práticas siques (KAHLON, 2012, p. 214-218; IKYTA MÉXICO, 2016).¹⁶

A segunda entrevistada, Subhag Kaur Khalsa, é estadunidense e mudou-se para o Brasil, em 1987, com seu marido brasileiro, Guru Sewak Singh Khalsa, falecido em 2004. Ambos se tornaram pratican-

em 1975 e foi publicada em 2006. Uma cópia da versão em língua espanhola do livro sagrado foi entregue às autoridades siques, em Amritsar, em 2008 (SIKH DHARMA INTERNATIONAL, 2012).

16. Outro centro de *Kundalini Yoga* influente à época da visita de Kahlon ao México era o Shunia Yoga, fundado e dirigido por um francês convertido ao siquismo e residente no país desde a década de 1970, Jai Hari Singh. Um de seus genros, um alemão convertido, Amrit Singh, era o diretor da *Miri Piri Academy* em 2005, escola fundada por Yogi Bhajan, em Amritsar, no Panjab indiano. Os relatos sobre as experiências de conversão destes dois siques europeus, vinculados ao México pela prática religiosa e por laços familiares, foram publicados pelo jornal indiano *The Tribune*, em 2005 (cf. JAIN, 2015). O escritor-viajante Kahlon não os incorporou a sua narrativa.

tes de *Kundalini Yoga* e se converteram ao siquismo nos Estados Unidos, como discípulos diretos de Yogi Bhajan. Subhag tornou-se seguidora dos ensinamentos do iogue panjabi ainda na década de 1970 e seu marido, em 1982, ano em que o brasileiro se estabeleceu na comunidade sique estadunidense. Casaram-se em meados da década de 1980 e teriam recebido do próprio Yogi Bhajan, segundo Subhag, a incumbência de difundir a prática de *Kundalini Yoga* pela América do Sul. O ano de sua mudança para São Paulo, 1987, foi também o ano da fundação do 3HO Instituto de Yoga do Brasil. O casal trouxe consigo uma cópia do livro sagrado e utilizou o espaço de sua residência como centro de ioga e de devoção sique.¹⁷ Em 1998, Guru Sewak criou a Associação Brasileira de Professores de *Kundalini Yoga* e Meditação e, no ano seguinte, iniciou a construção do primeiro templo sique do país, o *Sri Guru Arjun Dev Sahib Gurdwara*, na Serra da Cantareira, em São Paulo. O templo foi inaugurado em junho de 2004, dois meses antes do falecimento de Guru Sewak Singh. Ao contrário da narrativa de expansão da prática de ioga e da adoção da religião sique no México, o relato de Subhag Kaur enfatizou as dificuldades do processo de introdução do *Kundalini Yoga* no Brasil, fossem elas de ordem financeira ou emocional (como a doença que debilitou o marido em seus últimos anos de vida). Em 2005, ano em que concedeu a entrevista a Kahlon, a professora de ioga avaliava que a difusão da prática no país era lenta e a presença de siques (étnicos ou convertidos) pouco significativa. No entanto, considerava-se “guardião do *Darma Sique* no

17. Práticas comuns entre os primeiros imigrantes siques, na Europa, na América do Norte e na África Oriental, nos séculos XIX e XX, eram a manutenção do livro sagrado em residências e a realização de cerimônias simples no espaço doméstico. O crescimento das comunidades siques nestas regiões foi acompanhado pela construção de templos e, portanto, pela institucionalização das práticas religiosas. O escritor-viajante observou o mesmo padrão entre siques étnicos na América Latina (KAHLON, 2012, p. 53; 60-1).

Brasil” e cumpria seu dever da melhor maneira possível (KAHLON, 2012, p. 187-192; 3HO BRASIL, 2006; GILL, 2006).

As entrevistas de Arjan Singh e Subhag Kaur permitem construir um panorama dos processos iniciais de difusão dos ensinamentos de Yogi Bhajan no México e no Brasil, destacando, também, a expansão da organização 3HO a partir dos Estados Unidos, realizada por indivíduos formalmente convertidos ao siquismo pelo líder do movimento. Uma terceira narrativa registrada pelo escritor-viajante, em 2005, favorece a compreensão das conexões regionais criadas por praticantes de *Kundalini Yoga* na América do Sul. Sham Kaur, boliviana residente em La Paz, iniciou a prática desta modalidade de ioga por intermédio de uma professora do Chile que visitava a Bolívia, no ano de 2002. À época da entrevista, ela ainda não havia sido iniciada na comunidade sique liderada por Yogi Bhajan e, portanto, não utilizava o sobrenome Khalsa. Segundo Sham Kaur, não havia escolas ou professores dedicados à prática de *Kundalini Yoga como Ensinado por Yogi Bhajan* em seu país, naquele período. Cursos e atividades esporádicas aconteciam por iniciativa de professores visitantes de outros países. Ela se formou professora de ioga entre 2002 e 2003, no Peru, onde trabalhava então. De volta à Bolívia, fundou uma escola de ioga, com amigos. Em 2004, a escola recebeu a visita de Gurubachan Singh Khalsa,¹⁸ estadunidense convertido, discípulo direto de Yogi Bhajan, que teria sido encarregado por seu mestre de difundir seus ensinamentos pela América Latina. Em 2005, ano em que concedeu a entrevista a Kahlon, a professora ponderava sobre a introdução de uma modali-

18. É interessante observar que Gurubachan Singh Khalsa visita com regularidade países da América Latina. Uma das principais atividades lideradas por ele é o *Tour de los Milagros en honor a Guru Ram Das*, que, no período de redação deste artigo, estava em sua 16ª edição. Ao longo da turnê de 2018, o mestre espiritual ofereceu palestras em espanhol e práticas de meditação em países como Peru, Bolívia, Chile, Uruguai, Argentina, Paraguai, Colômbia, Costa Rica, El Salvador e Guatemala.

dade de ioga nova em seu país e, neste sentido, como Subhag Kaur, apontava dificuldades e limitações à tarefa que havia tomado para si. Entre as limitações, encontrava-se a escassez de professores, apesar do interesse crescente pela prática, e de materiais de ensino em língua espanhola, já que as atividades da 3HO se concentravam nos Estados Unidos. No entanto, Sham Kaur apresentava uma visão mais otimista sobre a expansão da presença da organização na América do Sul. Ela mencionou a criação de um escritório central para a região, no Paraguai, e, ainda, a concepção de um *website*¹⁹ e de uma revista em língua espanhola, voltados a professores e alunos de fala hispânica (KAHLON, 2012, p. 170-4).

No entanto, deve-se ressaltar que, mais do que os processos históricos de difusão da prática de *Kundalini Yoga* pela América Latina, interessaram ao escritor-viajante as experiências de vida dos siques latino-americanos com quem conversou ao longo de suas viagens. Receberam destaque em sua narrativa Sham Kaur, boliviana, cujo relato foi brevemente introduzido acima, e Satguru Singh Khalsa, mexicano. Os encontros com os dois latino-americanos que se identificavam como siques e, de forma determinada, mantinham práticas e símbolos da religião adotada inspiraram comentários positivos sobre os seguidores de Yogi Bhajan em várias passagens do livro de viagem analisado. Foram apontados pelo escritor-viajante, ainda, como pontos altos de suas visitas à América Latina (Idem, p. 292-3). Tendo em vista a importância dada pelo autor à vivência do siquismo por seus entrevistados latino-americanos, os temas interligados da conversão, da adoção e da preservação da identidade sique, tais como percebidos por Sham

19. Durante a redação deste artigo, não foi possível localizar o *website* mencionado por Sham Kaur. É interessante acrescentar, entretanto, que parte dos manuais de ensino de *Kundalini Yoga* em língua espanhola tem sido publicada pela editora *Tecnologías Sagradas*, no México (www.tecnologiassagradas.com/).

e Satguru serão abordados em maiores detalhes adiante.

Identidade e experiência religiosas de siques latino-americanos (Bolívia e México)

Satguru Singh Khalsa, morador de Xalapa, capital da província mexicana de Vera Cruz, conheceu a 3HO e o *Sikh Dharma of the Western Hemisphere* por intermédio de um amigo, frequentador de aulas de ioga, que lhe emprestou uma revista sobre o tema. Encantou-se pelos ensinamentos de Yogi Bhajan e decidiu se tornar sique em 1992, aos dezoito anos, quando iniciou suas práticas pessoais de *Kundalini Yoga*. Em 1993, encontrou-se pessoalmente com o líder do movimento, em Guadalajara e ficou impressionado com seu carisma e comprometimento com o Darma Sique. Tornou-se professor certificado de *Kundalini Yoga* em 1999. Era profissional da área de turismo, em 2006, ano da realização da entrevista (KAHLON, 2012, p. 218-9; CENTRO DE YOGA BABA SRI CHAND, 2015).

O rápido processo de conversão de Satguru foi narrado pelo escritor-viajante como uma decisão consciente e firme, que não teria envolvido dúvidas significativas por parte do jovem mexicano que se encontrava, então, numa idade de transição da adolescência para a vida adulta. A adoção da identidade visual sique (uso de turbante e barba longa, por exemplo) naquele período implicou dificuldades de aceitação pelos pares e pelas figuras de autoridade na família, na escola e no trabalho. Em meados da década de 1990, Satguru casou-se com uma praticante de *Kundalini Yoga*, Sadhana. Os três filhos do casal também preservaram a identidade sique e sofreram dificuldades semelhantes às do pai no ambiente escolar. A fidelidade às práticas religiosas e a perseverança na preservação da identidade visual religiosa

foram ressaltadas pelo autor, que caracterizou o sique mexicano como a “personificação da determinação em manter seus valores, dos quais muitos de nós desistimos ao primeiro sinal de adversidade” (KAHLON, 2012, p. 214, tradução minha).

As trajetórias do mexicano Satguru e da boliviana Sham Kaur divergem no que se refere ao aspecto dos ensinamentos de Yogi Bhajan com os quais estabeleceram contato em primeiro lugar. Satguru teria se encantado por um artigo do líder do movimento sobre o dia de *Baisakhi*, em 1699, que lera na revista emprestada pelo amigo. Trata-se de uma data histórica importante para os siques, uma vez que marcaria a formação da ordem sique pelo décimo Guru, Gobind Singh, bem como a introdução da cerimônia de iniciação, evento brevemente explicado anteriormente (SINGH, 2014, p. 23). Desta forma, o mexicano veio a conhecer e a se interessar inicialmente pela religião sique, tal como interpretada por Yogi Bhajan. Aproximou-se, simultaneamente, da prática de *Kundalini Yoga*. Pode-se dizer que isso teria favorecido a firme decisão de Satguru pela conversão ao siquismo.

Sham Kaur, por sua vez, entrou em contato com a 3HO, em primeiro lugar, e envolveu-se com a prática de *Kundalini Yoga* rapidamente. A decisão de difundir essa modalidade de ioga na Bolívia teria fomentado seu interesse em conhecer as origens do *Kundalini Yoga*, o iogue panjabi e a comunidade fundada por ele em Española, no Novo México estadunidense. De acordo com Sham Kaur, “[eu] não entendia a diferença entre *Kundalini Yoga* e os siques. Naquela época, havia uma linha muito tênue entre *Kundalini Yoga* e tradição sique em minha mente. Há muitos siques que não acreditam em *Kundalini Yoga* e vice-versa. No início, isso parecia estranho” (KAHLON, 2012, p. 172, tradução minha). O aprendizado sobre o siquismo teria sido uma pesquisa individual, segundo ela, que envolveu, também, a estadia de

uma semana em Espanhola. Foi ali, nos Estados Unidos, que ela teria entrado pela primeira vez em um templo sique e aprendido sobre as tradições religiosas em questão (Idem, p. 171-2). A aproximação da boliviana do siquismo foi, portanto, gradual.

À época da entrevista registrada por Kahlon, Sham Kaur ponderava sobre a viabilidade de sua conversão formal à religião. Engenheira industrial dedicada a projetos ambientais, a professora de ioga era servidora pública então. Era proibida de usar o turbante durante o horário de trabalho. Diante da dificuldade de manutenção da identidade visual feminina sique prescrita por Yogi Bhajan, a boliviana afirmou que, no futuro, se optasse pela iniciação ou batismo, deveria, também, repensar suas atividades profissionais, de modo a preservar o uso do turbante em tempo integral. Ela avaliava que não seria fácil obter permissão para a manutenção da identidade visual religiosa em espaços públicos, porque era um código de vestimenta estranho ao seu país de origem. Não se mostrava pessimista, contudo. Acreditava se tratar de um processo gradual de aceitação e de divulgação do *Kundalini Yoga* e do siquismo, como interpretado e praticado pelo iogue panjabi, na Bolívia (Idem, p. 173).

A devoção e a perseverança do mexicano e da boliviana foram destacadas pelo autor como características dos siques convertidos que encontrou nas viagens narradas no livro. Para ele, os dois latino-americanos ofereceriam um contraste em relação a imigrantes siques panjabis que conheceu no mesmo período. No México, conheceu e entrevistou principalmente siques vinculados à 3HO e ao *Sikh Dharma of the Western Hemisphere*. Incluiu no capítulo dedicado ao país passagens sobre processos migratórios a Mexicali e Sonora, entre as décadas de 1920 e 1940, que não resultaram na formação de comunidades siques étnicas na região, por duas razões principais: novos processos

de migração, em direção aos Estados Unidos; casamento dos imigrantes homens solteiros com mexicanas, em geral católicas, o que teria desestimulado a preservação de práticas e símbolos religiosos siques na região (Idem, p. 224-227). Assim como no caso de Bolívia e Brasil, as quantidades de novos imigrantes siques, estabelecidos no México entre as décadas de 1990 e 2000, não eram significativas em meados da década de 2000.

A experiência da boliviana Sham Kaur poderia ser considerada singular, do ponto de vista do escritor-viajante, porque uma das únicas comunidades siques étnicas da América do Sul que pôde visitar se encontrava em seu país. Neste trecho da viagem, Kahlon conheceu imigrantes e um templo sique nas imediações de Santa Cruz de la Sierra. Ali, o autor ouviu e registrou principalmente histórias de insucesso dos imigrantes que se radicaram na região em busca de oportunidades de aquisição de terras para a agricultura, no final da década de 1970: dificuldades econômicas, incompreensão das dinâmicas sociais locais e fracasso na manutenção da prática religiosa e da identidade siques. Muitos retornaram ao Panjab indiano, onde foram entrevistados (Idem, p. 157-170). Ao final dos encontros em Santa Cruz, o escritor-viajante dirigiu-se a La Paz e conversou com a professora de ioga. Ao introduzir sua história de aproximação da religião sique, na América do Sul, observou:

Sham Kaur, uma senhora muito instruída, forneceu um contraste, no que se refere à prática da religião sique – símbolos e tudo mais, sem pertencer ao Panjab ou tê-lo visitado –, com os encontros anteriores com os [imigrantes] siques em Santa Cruz, originários do Panjab, terra de origem e com o maior número de seguidores da religião sique. (...) [E]la acredita no Darma Sique e o pratica. Está tentando propagar a fé sique na Bolívia sozinha. (...) [E]ncontra grande conforto seguindo os ensinamentos dos Gurus siques e as palavras do SGGS [*Sri Guru Granth Sahib*, o livro sagrado]. (Idem, p. 170, tra-

dução minha)

O comentário do escritor-viajante indica não apenas admiração pela dedicação e devoção ao siquismo, por parte da professora de ioga boliviana. Reforça, por um lado, a percepção de uma particularidade do contexto latino-americano, considerada anteriormente: a inexistência de comunidades siques étnicas consolidadas e influentes, que se apresentem como guardiãs das tradições religiosas. Por outro lado, inverte a hierarquia entre siques étnicos e convertidos muitas vezes estabelecida em contextos diáspóricos nos Estados e na Europa (DUSENBERY, 2014, p. 563-4). Para Kahlon, os guardiães e porta-vozes do siquismo na América Latina seriam os convertidos.

Por fim, é importante destacar que as razões para a transição a uma nova religião, por dois jovens que se identificaram como pertencentes a famílias católicas, não foram exploradas ou problematizadas pelo autor. Ele tampouco se aprofundou no tema do interesse crescente pela religião sique no México, apontado nos depoimentos do indiano Arjan Singh e do mexicano Satguru (KAHLON, 2012, p. 217 e 219). O próprio Arjan Singh abordou a questão da conversão de jovens mexicanos, membros de famílias católicas, ao siquismo em entrevista a um jornal de seu país de origem:

A nova geração não aceita a religião simplesmente porque é uma tradição. Eles querem uma explicação racional para tudo. Conhecem ioga. Ouviram falar sobre meditação e devoção. (...)

Não se convertem ao siquismo imediatamente; é um processo lento. Na primeira fase, algumas pessoas se tornam vegetarianas. Começam a recitar *Gurbani*,²⁰ mas não usam turbante ou deixam a barba crescer. Algumas pessoas deixam de cortar os cabelos e começam

20. O termo *Gurbāī* remete aos versos dos Gurus registrados em dois livros da religião sique: o *Adi Granth* (o Livro Original) e o *Dasam Granth* (o Livro do Décimo Guru, Gobind Singh) (FENECH e McLEOD, 2014, p. 92-3 e p. 131).

a usar turbante pouco a pouco. Alguns podem levar até dez anos neste processo, enquanto outros mudam rapidamente. (JAIN, 2005, tradução minha)

Pode-se refletir, também, sobre o modo como as escolhas didáticas dos professores pioneiros na América Latina influíram na difusão de valores, símbolos e práticas síques, entre os alunos de *Kundalini Yoga*, em estágios iniciais de seu aprendizado. O relato da estadunidense Subhag Kaur sobre sua experiência de ensino de ioga no Brasil é instrutivo sobre particularidades de contexto e opções a respeito de aproximação ou distanciamento entre *Kundalini Yoga* e *Sikh Dharma of the Western Hemisphere* nas aulas e nos treinamentos de professores:

Muitos dos seguidores da 3HO nos EUA eram tímidos em relação à apresentação do Darma Síque. Eles questionavam se estavam aprendendo uma religião ou ioga, que era o que lhes interessava. Posso compreender isso muito bem. Mas nós apresentamos a prática como ‘*Bhakti Yoga*’ com *kirtan*.²¹ É uma experiência de encontro com o Bem-Amado [Deus]. [No Brasil], nós fundamos *Kundalini [Yoga]* e Darma Síque juntos. Até hoje, [frequência do] *gurdwara* é uma parte do treinamento do professor. Certificamos as pessoas diante do Guru²² e este tem sido o nosso modo de agir. (KAHLON, 2012, p. 190-1, tradução minha)

Considerações finais

Nossa interpretação da narrativa de viagem escrita por Swarn Singh Kahlon não se pretendeu definitiva ou conclusiva. Buscou apre-

21. Ao utilizar o termo *Bhakti Yoga*, a entrevistada se refere ao caráter devocional da prática (de elementos específicos do *Kundalini Yoga* e do Darma Síque, tal como interpretado e ensinado por Yogi Bhajan). Ao mencionar *kirtan*, indica a atividade de cantar, coletivamente, canções devocionais.

22. Referência ao *Guru Granth Sahib*, o livro sagrado.

sentar e sistematizar temas pouco conhecidos e estudados na América Latina. Propôs-se a indicar, neste sentido, (novos) pontos de partida para investigações relacionadas a deslocamentos Sul-Sul, de modo geral, e à presença indiana/panjabi/sique nesta região do mundo, em particular. Poderíamos destacar a riqueza de possibilidades de investigação de temas como: a história da recepção de espiritualidades e religiões de origem sul-asiática; a vivência de espiritualidades e religiões de origem sul-asiática por grupos de migrantes e por seguidores latino-americanos; conversões a religiões de origem sul-asiática; pluralização religiosa.

Em se tratando dos encontros com siques latino-americanos, mais especificamente, é importante reconhecer que o trabalho do escritor-viajante contribuiu para a construção de um panorama inicial da difusão de símbolos, valores e práticas siques em três países da região: Bolívia, Brasil e México. Cerca de doze anos após as viagens de Kahlon, é possível observar o crescimento da prática de *Kundalini Yoga* e a formação de comunidades siques nos lugares que visitou. Na Bolívia, as cidades de La Paz e Santa Cruz de la Sierra têm centros de *Kundalini Yoga* – na capital, pelo menos quatro escolas de ioga oferecem esta modalidade de prática (ASOCIACIÓN ESPIRITUALIDAD BOLIVIA, 2017). Sham Kaur, a jovem professora entrevistada pelo autor do relato de viagem, não apenas se iniciou na comunidade sique instituída por Yogi Bhajan, como também se tornou Ministra do Dharma Sique (OFFICE OF THE SECRETARY OF RELIGION OF SIKH DHARMA INTERNATIONAL, 2013). No Brasil, contrariando o cenário de dificuldades e limitações apresentado por Subhag Kaur em seu depoimento ao escritor-viajante, há praticantes de *Kundalini Yoga* em capitais (como Belo Horizonte, Brasília, Curitiba, São Paulo e Porto Alegre, por exemplo) e cidades de médio porte (como

Ribeirão Preto, Uberlândia e Foz do Iguaçu). Segundo estimativas de Subhag, haveria aproximadamente 300 professores desta modalidade de ioga no Brasil (NAMU, 2015). Há, ainda, Escolas *Miri Piri* em três cidades brasileiras, as quais atendem estudantes em nível fundamental. A escola matriz, *Miri Piri Academy*, foi fundada por Yogi Bhajan em 1997, na cidade indiana e panjabi de Amritsar. Os centros educacionais *Miri Piri* seguem os princípios do *Sikh Dharma of the Western Hemisphere* e pretendem atender, principalmente, às necessidades educacionais de siques convertidos. No México, pode-se falar na consolidação da prática de *Kundalini Yoga* e das comunidades de siques convertidos. Na capital do país, o *Sikh Centre*, fundado e dirigido pela família de Arjan Singh, o panjabi indiano que se vinculou à 3HO, permanece como templo sique e escola de ioga e estabeleceu uma filial em Cancún (SINGH, 2013). Satguru, sique mexicano entrevistado por Kahlon, abriu sua própria escola de ioga em Xalapa, o *Centro de Yoga Baba Sri Chand*. Deve-se ressaltar, entretanto, que os processos históricos e sociais de recepção, expansão e consolidação do *Kundalini Yoga* e do *Sikh Dharma of the Western Hemisphere* nestes países ainda não foram sistematicamente pesquisados e/ou publicados. Os dados e análises apresentados neste artigo compõem os resultados parciais de uma pesquisa em desenvolvimento sobre história(s) de prática(s) de ioga na América Latina.

Por fim, queremos destacar que a percepção sobre os siques latino-americanos, construída por Kahlon em seu livro de viagem, não apenas favorece a reflexão sobre noções de pertença às comunidades siques, na Índia e no exterior. É coerente com debates em curso entre estudiosos da religião sique, no que diz respeito a sua heterogeneidade e pluralidade. Deve-se enfatizar a multiplicidade de práticas e narrativas originadas da vivência das tradições siques em distintos

contextos históricos, culturais e geográficos – ainda que diferentes grupos dentro das comunidades siques tendam a construir visões homogêneas e coesas de sua história, identidade e experiência religiosa. Neste sentido, a fim de compreender as numerosas expressões da fé sique no período contemporâneo, seria relevante resgatar a ideia de discipulado (*sikhi*), ou seja, de que há inúmeras formas de se viver e se identificar como aprendiz dos Gurus (SINGH e FENECH, 2014, p. 2-6). Foi precisamente isso o que fez Swarn Singh Kahlon ao se encontrar com siques latino-americanos e registrar seus depoimentos sobre a vivência da religião: reconheceu o caráter plural e abrangente do discipulado no interior da tradição espiritual sique.

Referências

3HO BRASIL. *Memorial de Guru Sewak*. 2006. Disponível em: gss.3ho-brasil.com.br Acesso em: 08 mai. 2017.

ASOCIACIÓN ESPIRITUALIDAD BOLIVIA. *Guía Espiritual La Paz 2017*. Disponível em: www.facebook.com. Acesso em: 08 mai. 2017.

CENTRO DE YOGA BABA SRI CHAND. *¿Quién imparte las clases?* 2015. Disponível em: www.yogaenxalapa.com.mx Acesso em: 08 mai. 2017.

DESLIPPE, P. From Maharaj to Mahan Tantric: The Construction of Yogi Bhajan's Kundalini Yoga. *Sikh Formations*, v. 8, n. 3, dez. 2012, p. 369-387.

DUSENBERY, V. A. Punjabi Sikhs and Gora Sikhs. In: SINGH, P.; FENECH, L. E. (Eds.) *The Oxford Handbook of Sikh Studies*. Oxford: Oxford University Press, 2014, p. 560-570.

FENECH, L. E.; McLEOD, W.H. *Historical Dictionary of Sikhism*. 3rd edn. Maryland: Rowman & Littlefield, 2014.

GILL, S. K. Sikh who runs only gurdwara in Brazil. *Chandigarh Tribune*, Chandigarh, 15 jan. 2016. Disponível em: www.tribuneindia.com Acesso em: 24 mar. 2016.

GUERRIERO, S. Hinduism in Brazil. In: GOOREN, H. P. P. (Ed.) *Encyclo-*

- pedia of Latin American Religions*. Cham: Springer, 2015, p. 1-5.
- HIGH LEVEL COMITEE ON THE INDIAN DIASPORA. *Report of the High Level Comitee on the Indian Diaspora*. New Delhi, Jan. 2002. Disponível em: indiandiaspora.nic.in Acesso em: 30 out. 2006.
- IKYTA MÉXICO. *Historia. Asociación Nacional de Maestros de Kundalini Yoga*. 2016. Disponível em: www.kundaliniyoga.com.mx Acesso em: 08 mai. 2017.
- JAIN, A. Sikhs in Mexico. Sikhism and Yoga have found a new home in Mexico. *The Tribune*, Chandigarh, 15 May 2005. Disponível em: www.tribune-india.com. Acesso em: 24 mar. 2016.
- JAKOBESH, D. 3HO/Sikh Dharma of the Western Hemisphere: the 'Forgotten' New Religious Movement? *Religion Compass*, n. 2, 2008, p. 1-20.
- KAHLON, S. S. *Sikhs in Latin America*. Travels among the Sikh Diaspora. New Delhi: Mahohar, 2012.
- KAHLON, S. S. Punjabi-Sikh Migration – Latin America: A geographical profile. In: RAJAN, S. I.; VARGHESE, V. J.; NANDA, A. K. (Eds.). *Migration, mobility and multiple affiliations*. Punjabis in a transnational world. New Delhi: Cambridge University Press, 2015, p. 68-90.
- KAHLON, S. S. *Sikhs in Asia Pacific: Travels among the Sikh Diaspora from Yangon to Kobe*. London: Routledge, 2017.
- MCLEOD, W. H. *Who is a Sikh?* Oxford: Clarendon Press, 1989.
- MYRVOLD, K. Sikhs in mainland European countries. In: SINGH, P.; FENECH, L. E. (Eds.) *The Oxford Handbook of Sikh Studies*. Oxford: Oxford University Press, 2014, p. 513-523.
- MUÑOZ, A. Matsyendra's "Golden Legend": Yogi Tales and Nath Ideology. IN: LORENZEN, D. N.; MUÑOZ, A. (Eds.) *Yogi Heroes and Poets*. Histories and Legends of the Nāths. New York: SUNY Press, 2011, p. 109-127.
- NAMU. Subhag Kaur Khalsa. *Depoimentos NAMU*, 07 out. 2015. Disponível em: www.namu.com.br Acesso em: 08 mai. 2017.
- OFFICE OF THE SECRETARY OF RELIGION OF SIKH DHARMA INTERNATIONAL. *Sikh Dharma Ministers' Newsletter*, August 2013 Issue. Disponível em: www.testsdm.org Acesso em: 24 mar. 2016.
- SIEGEL, P.; BARROS, N. F. Yoga in Brazil and the National Health System.

Complementary Health Practice Review, v. 14, n. 2, Apr. 2009, p. 93-107.

SIEGEL, P. *Yoga e saúde: o desafio da introdução de uma prática não-convencional no SUS*. 2010. 206 f. Tese (Doutorado) - Unicamp, Faculdade de Ciências Médicas, Campinas.

SIKH DHARMA INTERNATIONAL. *Spanish Translation of Siri Guru Granth Sahib gifted to Sikh Jathedars in Nanded*. 30 mar. 2012. Disponível em: web.archive.org Acesso em: 08 mai. 2017.

SINGH, P. Sikh Identity in the Light of History. A dynamic perspective. In: SINGH, P. BARRIER, N. G. (Eds.) *Sikhism and History*. New Delhi: Oxford University Press, 2005, p. 77-110.

SINGH, P. An overview of Sikh History. In: SINGH, P.; FENECH, L. E. (Eds.) *The Oxford Handbook of Sikh Studies*. Oxford: Oxford University Press, 2014, p. 19-34.

SINGH, P.; FENECH, L. E. Introduction. In: SINGH, P.; FENECH, L. E. (Eds.) *The Oxford Handbook of Sikh Studies*. Oxford: Oxford University Press, 2014, p. 1-15.

SINGH, S. A. Cancún celebra por expansión de Sikh Center. *Compassion Times*, Asociación Nacional de Maestros de Kundalini Yoga, Ciudad de México, 11 jun. 2013. Disponível em: www.kundaliniyoga.com.mx Acesso em: 08 mai. 2017.

TATLA, D. S. The Sikh Diaspora. In: SINGH, P.; FENECH, L. E. (Eds.) *The Oxford Handbook of Sikh Studies*. Oxford: Oxford University Press, 2014, p. 495-512.

VEGA, L. R. 2010. Religión e identidad entre los inmigrantes de la India en la Argentina. *Calidad de Vida*, Buenos Aires, v. 1, n. 5, p. 119-134, 2010.

Resumo:

O artigo aborda a presença da religião síque e a difusão de valores e práticas síques entre latino-americanos, por meio da interpretação de uma narrativa de viagem, o livro *Sikhs in Latin America*, de Swarn Singh Kahlon (2012). Para tanto, analisa as percepções do autor-narrador sobre as experiências de adoção e preservação da identidade religiosa por novos adeptos da religião síque, como, por exemplo, praticantes de *Kundalini Yoga*. Realizou-se análise de conteúdo da narrativa de viagem considerada, o que envolveu, também, o exame de fontes primárias produzidas pelo autor (como entrevistas), pelos síques convertidos e pela imprensa indiana. A revisão de literatura contemplou estudos de literatura de viagem e obras na área dos estudos síques. Devem-se destacar, entre os resultados de pesquisa alcançados: a reflexão sobre noções de pertença à comunidade síque em contextos diaspóricos; a construção de um panorama histórico da presença de expressões da religião síque na América Latina; o exame de narrativas sobre a identidade síque, produzidas por síques latino-americanos.

Palavras-chave: literatura de viagem; religião síque; ioga; América Latina

Abstract:

This paper interprets the travelogue *Sikhs in Latin America: Travels Among the Sikh Diaspora*, by Swarn Singh Kahlon, an Indian who travelled around Latin America between 2005 and 2006. The main goal of this work is analyzing the author's perceptions on the experiences of adoption and keeping of the religious identity by new followers of Sikh religion, such as *Kundalini Yoga* practitioners. Primary sources presented by the author (such as interviews), by Sikh converts and by the Indian press were examined through content analysis. A literature review of academic works in the fields of travel writing studies, Indian studies, and, more specifically, Sikh studies, was undertaken. Highlighted research outcomes are: reflection on belongingness to Sikh communities in diasporic contexts; construction of a historical overview of Sikh presence in Latin America; analysis of narratives on Sikh identity enunciated by Latin American converts.

Keywords: travel writing; Sikh religion; yoga; Latin America.

Recebido para publicação em 28/11/2018.

Aceito em 22/04/2019.